

De Vargas

■ Livro da FGV narra a história da

CORIOLANO GATTO

Na metade dos anos 40, no apagar das luzes do Estado Novo, o empresário Roberto Simonsen travou um duro debate com o economista Eugênio Gudin. Simonsen, símbolo da indústria paulista, pedia proteção contra a concorrência estrangeira e defendia uma ajuda generosa do Estado ao setor privado. Gudin, um liberal por convicção, pregava o oposto. Cinco décadas depois, o debate — descrito no livro *50 anos de Brasil/50 anos de Fundação Getúlio Vargas* — volta com força à cena. Agora, capitaneado por Cláudio Bardella, cuja empresa, nos anos 70, ganhou fartos subsídios do BNDES, um grupo de empresários paulistas quer o mesmo guarda-chuva do Estado, traduzido nos seguintes jargões: “um MIC (Ministério da Indústria e do Comércio) forte” e “um câmbio desvalorizado”. Na outra ponta, ocupando o lugar deixado por Gudin, o jovem economista Gustavo Franco, o verdadeiro pai do Plano Real, que já disse para os industriais ineficientes transferirem os seus negócios para a Austrália.

O livro da FGV está recheado de histórias das marchas e contra-marchas do país de 1944 para cá. A parte política coube a Bolívar Lamounier. Para descrever a trajetória econômica, foram convidados dois economistas de fora dos quadros da FGV — Marcelo de Paiva Abreu e Dionísio Dias Carneiro, ambos da PUC-RJ. Carneiro pertenceu à Escola de Pós-Graduação da Economia da FGV. Saiu de lá, na metade dos anos 70, junto com Edmar Bacha, Rogério Werneck e Francisco Lopes para fundar o curso da PUC. Simonsen apelidou o grupo de “EPGE do B”, apontado pelo ex-ministro como o time mais criativo dos economistas. Suas idéias formularam o Plano Real. Eis os principais trechos do livro:



Roberto Simonsen



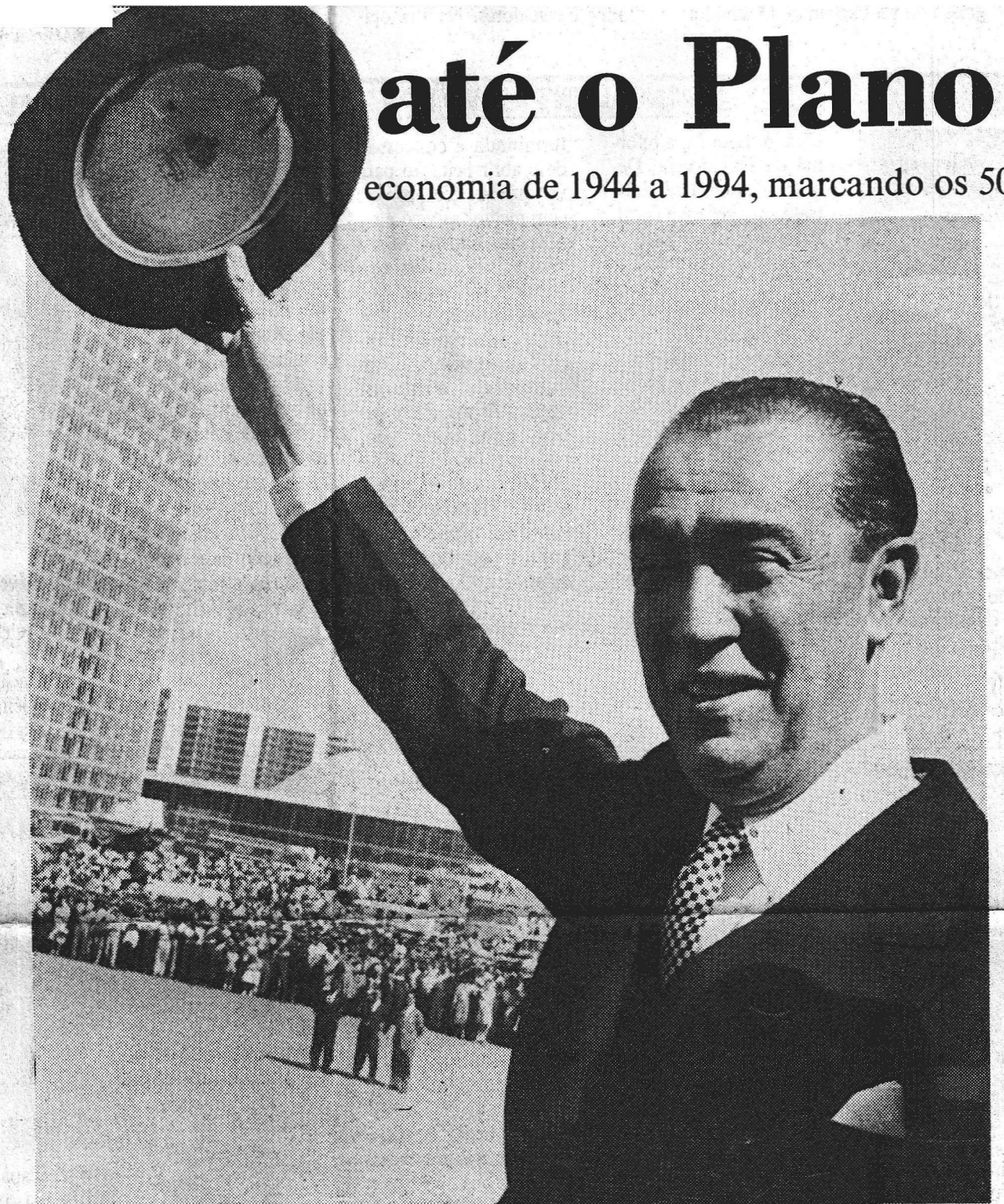
Gustavo Franco



Eugênio Gudin

até o Plano Real

economia de 1944 a 1994, marcando os 50 anos da instituição.



A inauguração de Brasília marca a euforia de JK, que se vinga ao deixar a seu sucessor uma herança pior